



FESTA DE SANTO PRETO- MEMÓRIAS DE FÉ, LUTAS E RESISTÊNCIAS NA VILA DE CARAPAJÓ/CAMETÁ-PARÁ

BLACK SAINT PARTY - MEMORIES OF FAITH, STRUGGLES AND RESISTANCE IN THE VILLAGE OF CARAPAJÓ/CAMETÁ-PARÁ

Fernanda Nílvea Pompeu Varela **1**
Benedita Celeste de Moraes Pinto **2**

Resumo: Tendo por base as narrativas orais coletadas na Vila de Carapajó/Cametá-Pará, analisa-se a trajetória de uma confraria como elemento essencial para o estabelecimento da presença do povo preto nessa região da Amazônia Tocantina. Por meio da irmandade, origina-se um rito que congrega o religioso, o profano, o celebrar, o educar, o resistir e o transgredir. Os discursos orquestrados ali, revelam como esse rito é atravessado por diversos sentidos e práticas nas quais temas, tempos e pessoas realizam uma festa do preto para o preto. A festividade de São Benedito, faz-se, então, um lugar de exaltação e efervescência das memórias, das lutas e das resistências daquela população.


Palavras-chave: Festa. Discurso. Resistência. Memória. São Benedito.

Abstract : Based on oral narratives collected in the village of Carapajo/Cameta-Para, we analyze the trajectory of a brotherhood as an essential element for the establishment of the presence of black people in this region of the Tocantins Amazon. Through the brotherhood, a rite is originated that brings together the religious, the profane, the celebrating, the educating, the resisting, and the transgressing. The discourses orchestrated there reveal how this rite is crossed by diverse meanings and practices in which themes, times, and people perform a feast from the black people for the black people. The feast of São Benedito, then, becomes a place of exaltation and effervescence of memories, struggles and resistance of that population.

Keywords: Feast. Discourse. Resistance. Memory. São Benedito (Saint Benedict).

1 Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3282-0359>.
E-mail: nilcameta@yahoo.com.br

2 Doutora em História pela Puc/SP. Professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9450-5461>.
E-mail: celestepinto@ufpa.br



Introdução

Na irmandade mantinha-se o afastamento do branco e a experiência do preto, nesse local, não é outra se não, a da resistência. O preto conseguiu construir o seu próprio mundo, longe de senhorio, eis pois, a função social da irmandade de São Benedito, abrigar aos pretos, pardos e aos pobres (VARELA, 2020, p.143).

É a partir dessa percepção, trazida por Varela (2020), que revisitamos a trajetória da irmandade dos pretos de São Benedito da Vila de Carapajó, na cidade de Cametá, nordeste do Pará, visando demonstrar como essa organização foi de crucial importância para o estabelecimento da presença do povo negro dentro das práticas festivas daquela região da Amazônia Tocantina.

Tendo por base narrativas orais, o presente estudo dedica-se a analisar a criação dessa confraria como elemento essencial de um rito que congrega o religioso, o profano, o celebrar, o educar, o resistir e o transgredir. Os discursos orquestrados ali, revelam, a partir da irmandade, a produção de uma festa atravessada por diversos sentidos e práticas nas quais temas, tempos e pessoas realizam uma festa do preto para o preto. A festividade de São Benedito, faz-se, então, um lugar de exaltação e efervescência das memórias, das lutas e das resistências daquela população.

Segundo a oralidade local foi partir desta confraria, que os pretos passam a ser reconhecidos como os verdadeiros donos da festa de São Benedito, na qual a presença negra provocou significativas rupturas da ordem emergente, visto que, nessa festa esses pretos (re) apropriam-se de simbolismos que testificam o reconhecimento do potencial de resistência histórico, religioso, cultura, social e de tomada de poder pelos festantes carapajoaras.

Indo nos mais íntimos espaços, a irmandade permitiu uma movimentação dos pretos carapajoenses da Casagrande às senzalas, nos quintais, nos furos e igarapés, na estrada, na Colônia, da igreja aos barracões de festa. As narrativas que aqui emergem, permitem então, a contemplação, a análise, o questionamento, a problematização de cada presença, das humanas às simbólicas, pois em Carapajó, tudo anuncia e denuncia um movimento de subversão, a começar pela irmandade dos pretos de São Benedito.

Através das falas dos descendentes da irmandade, mergulha-se na história de uma população que resistiu à subordinação dos brancos através da sua fé no santo preto. Desse modo, cada narrativa presente nessa unidade condensa a emoção, o sentimento de fé e, sobretudo, o pertencimento a uma tradição de luta pela autonomia de negras e negros. Nesse sentido, foi crucial ter o conhecimento de que havia um local exclusivo onde os pretos reuniam-se para manifestar suas crenças, sua cultura e romper os laços com a casa grande e era ali, na irmandade que estes (re) formulavam, confirmavam e festejavam a sua identidade e alargavam seu legado. Segundo a narrativa de Benedito de Castro Maciel, mais conhecido por Bitoca, 74 anos, numa entrevista realizada em fevereiro de 2020):

Quando surgiu a vila de Carapajó, quando se formou a vila de Carapajó, aqui tudo era irmandade, irmandade de São Benedito, irmandade daquela outra santa, que ela queria levar (ela-Sinhazinha) – levou. Dona Mimita sempre me mostrava, tudo era irmandade aqui, não tinha festividade como tem agora, tudo era irmandade (VARELA, 2020, p. 88).

Realizou-se uma triagem com os moradores da vila, tentando identificar na que foi uma das primeiras ruas da vila, a Rua São Benedito, qual a relação dessa vila com a festividade que temos hoje, e para nossa surpresa fomos informadas que a rua recebeu essa nomenclatura justamente por ser o local onde se localizava a capela da irmandade de São Benedito. Estávamos então diante de um espaço que já não era simbólico, mas no qual concretizou-se a fé e as resistências de um povo. A partir de então, conseguimos identificar quem seriam os moradores que estavam ali há mais tempo, e também os que eram descendentes, filhas, filhos, amigas e amigos dos que estiveram no comando da irmandade. Em um primeiro momento, foi estarrecedor e triste saber que a maioria dos que procurávamos já haviam morrido ou ainda, não estavam mais com condições de saúde

suficiente para recordar seus próprios passados, o daquela vila e da festa. Conforme afirma dona Raimunda Damasceno (Figura 1), mais conhecida por Dedê, “eles, os negros, eram os antigos, as pessoas que já morreram, já se foram todos eles, eles que fundaram aí...os antigos daquela época já se foram” (Fala de Raimunda Damasceno, dona Dedê, 67 anos, moradora da Vila de Carapajó-Acervo Varela 2020). Mesmo assim seguiu-se, como a confiança de ter-se uma grande descoberta à frente e que para chegar-se a ela seria preciso caminhar um pouco mais, ir mais fundo, assim fez-se. E parte-se daqui, para os achados.

Figura 1. Raimunda Damasceno, dona Dedê, e Benedito de Castro Maciel, seu Bitoca



Fonte: VARELA, F. N. P., 2020.

Raimunda Damasceno, dona Dedê, 67 anos, lavradora e Benedito de Castro Maciel, Seu Bitoca, 74 anos, lavrador, em entrevista realizada em fevereiro de 2020 confirmam:

Eu ainda conheci a igreja que era aqui nessa rua (rua São Benedito), mostrou o lugar onde é? Apontando para Dona Emília). Ali onde era a casa do Guenso, lá não era igreja, lá era capela, a capela, sim, justamente por isso que essa rua aqui ela tem o nome de São Benedito. Justamente por causa da capela que era aí, então lá era festejado, a festa e tudo mais era lá, no início, no início, no início, que era, os...os...os negros que iniciaram aqui na vila, que tinha a Nossa senhora do Carmo dos brancos e os negros que tinham São Benedito, então eles fizeram a capela lá e era festejado o São Benedito, os negros festejavam...os negros festejavam que por sinal, a dona Sinhazinha, pelo que eu sei, a família dela eram os donos da terra e de Nossa senhora do Carmo, pra cá eram os negros, os negros da santa irmandade, aí começou a IRMANDADE, era a irmandade de São Benedito (VARELA, 2020, p.89).

Uma das falas mais emocionantes, das que compõem esse trabalho, é a narrativa conjunta de Dona Dedê e Senhor Bitoca, ela negra e ele branco, casados, ambos vivenciando até hoje a festa

como participantes e organizadores do evento. Dona Dedê com os seus 67 anos e Senhor Bitoca com 74 contam, com brilho nos olhos, muitos gestos e com a voz firme, uma versão contagiante sobre o que verdadeiramente representa (ou) a irmandade para os carapajoenses. Nesse clima, atesta-se a percepção de estar diante do mais alto exemplo de perspicácia, audácia e garra de uma população que buscou alternativas para externar sua fé e fazer valer sua cultura e devoção trazendo suas práticas culturais e tradição e por ela organizaram-se e transformaram uma festa na maior marca dessa Vila.

O que é dito pelo casal Dona Dedê e seu Bitoca comunga com as narrativas de que o negro foi atrás de um espaço em que pudesse celebrar a sua crença, visto que, não podiam misturar-se à igreja e nem celebrar a Santa Branca. Então, essa fala é a confirmação da existência de um local exclusivo feito pelos negros e para o negro, onde cultuava-se um “santo preto”, onde os elementos que estavam na capela, rememoravam a ancestralidade africana.

Da irmandade à contemporaneidade, como o santo chega à igreja

Em Carapajó, São Benedito é cultuado há décadas como a reafirmação de um festejo religioso e lúdico que sobreviveu as interferências de um regime institucionalizado e segregacionista. No ano de 1997, foram comemorados 150 anos de fundação da festividade, conforme mostra o programa abaixo (Figura 2), constituindo-se como um importante documento afirmativo da existência uma Irmandade ligada ao santo preto engendrada na vila com o propósito a memória, a cultura e a experiência de uma comunidade em que os negros sempre (re) existiram.

Figura 2. Programa da festividade de São Benedito, 1997



Fonte: Arquivo da família Assunção Carvalho.

Na vila de Carapajó pouco se fala a respeito dessa irmandade, notando-se que a sua existência, apesar de ter tido suma importância para o estabelecimento da autonomia na festa, foi e ainda hoje é silenciada, não encontramos registros documentais escritos sobre a sua representatividade, seus

resquícios estão na memória e oralidade das pessoas mais velhas, que vez ou outra são acionadas nas rodas de conversa informais sobre a festa e o “santo preto”. A Fala de Raimunda Damasceno, dona Raimundinha, lavradora, atesta:

A Emília não se alembra, mas eu me alembro de tudo. O meu pai era negro, ele fez essa igreja pra lá, era o festeiro meu pai. Ele, o tia Prata, o pai da Maria Emília, reuniam os homens pra trabalhar e iam levantar a festa. Essa festa era muito bonita. Tinha capela, tinha tudo lá, faziam a festa, tinha o pavilhão, tinham os velhos, tudo muito bonito. Lá, a capela tinha tudo, tinha alumínio do bom, tinha pia, tinha tudo, era os negros que participavam da festa, eram muita gente, dançavam... agora tá tudo mudado. E o papai tinha o São Benedito e tinha o nome tudinho mas sabe como é, vieram emprestar mas eu tenho, eu guardei, tinha o livro, tem o São Benedito. Esse livro levaram, a mamãe tava viva ainda...o São Benedito eu tenho aí, o verdadeiro, o da irmandade do meu pai (VARELA, 2020, p. 77).

Dona Raimunda narra acerca de uma festa, que acontecia no tempo de seus antepassados, da qual a memória guarda os resquícios de uma prática, que a todo momento se reinterpreta ou se reinventa aproximando-se dos populares. Percebe-se o orgulho refletido nas palavras de Dona Raimundinha, ao falar de uma festa organizada pelos pretos, onde havia extremo rigor e cuidado, onde havia um certo luxo na composição dos artefatos que estavam ali na igreja a disposição daquela gente, afinal, se fora da irmandade, para o negro restavam as migalhas, dentro, estava reservado o melhor, a melhor comida, a melhor festa, os melhores objetos.

Nesse sentido, o contato com a festa de outrora amarra-se à lembrança daqueles que necessitavam de uma ferramenta para fugir da opressão ou do poderio de uma família branca. Mesmo com a idade avançada, com a voz já comprometida, a fala dessa festante negra vem carregada de uma emoção, a qual é compartilhada conosco na rememoração das características de um festejo coletivamente organizado pelo e para o povo. Os sinais de envelhecimento da pele da narradora não estão na memória, que ainda lucida revisita um passado já vivido para contar como a festa de São Benedito incorpora-se a vivência local e o quanto esse movimento representa um divisor de águas na conquista de espaços de poder para o negro. Havendo esses espaços, onde as relações de poder consolidavam o negro como um sujeito empoderado, várias foram as tentativas de extermínio dos rituais que relembavam a ancestralidade negra, sua religiosidade, suas crenças, seus símbolos. O Senhor Benedito de Castro Maciel traduz em seu discurso, o incomodo causado, aos brancos e a própria igreja, diante do crescimento de uma irmandade que se articulava social, cultural e politicamente dentro de um território que tentava ser conquistado pelo colonizador. Benedito de Castro Maciel, popularmente conhecido como Seu Bitoca, discorre sobre isso:

O Padre João Bonekamp, que foi o primeiro padre depois das missões que ficou morando aqui, ele morou muitos anos aqui e aí ele começou a ...a...como é que se diz, resgatar os santos e veio também pra acabar com as irmandades.. dizia que esmolar não, ele falava que lugar de santo é na igreja. Ele achava que o certo era esse, que o lugar de santo era na igreja. Aí, os irmãos esconderam o santo pra não ir pra lá pra igreja (VARELA, 2020, p. 79).

Há um nítido descontentamento quando Seu Bitoca anuncia a chegada de uma representação católica nas terras carapajoenses. A vinda do Padre João, soava, naquele momento, a maneira desrespeitosa como eram tratadas as manifestações religiosas negras, menosprezando as expressões de identidade e cultura que ali estavam. Para o catolicismo era preciso segurar as rédeas e manter a descendência africana sob controle. Em nossa avaliação, os prognósticos da interferência da igreja sobre a irmandade são sintomas do interesse por ocultar a presença negra

e dos descendentes de negros escravizados da região do Beiradão¹, sobretudo suas festas, que ainda eram subjugadas como círculos profanos e sem valor cultural, apenas folclórico ou anárquico. Deixa-se de lado as lutas sociais, políticas e culturais que se fortaleceram dentro da festa após a organização de um espaço exclusivo para o culto ao santo preto. Assim, há uma denúncia viva neste estudo, a de que há a necessidade de registrar a existência de uma organização que deu poder ao negro na festa. Através das falas dos moradores locais, as quais intensificam a presença da irmandade, podemos dizer que esses silenciamentos, assim como a desqualificação da riqueza cultural existentes nos festejos negros, relacionam-se diretamente com a exclusão imposta a essa população no decorrer da formação social da vila de Carapajó e do Brasil como um todo. Ao nosso ver, interferir, esquecer ou não falar sobre a irmandade é, de alguma forma, contribuir para o extermínio da memória dos negros e de suas expressões culturais. Benedito de Castro Maciel, diz:

Outra coisa, salão paroquial aqui nem se falava, sabe como era feito a festa? Festa do preto velho vai começar tal dia, os pessoal da irmandade é que fazia o barracão no lado da igreja, coberto de palha e, agora as casinhas tudo de miriti lá na praça, pro pessoal venderem as coisas, eles que assumiam essa festa, faziam tudo, acabava a festa pa pa, jogavam a palha velha e ficava limpo (VARELA, 2020, p.80).

O que o senhor Bitoca revela aqui, é o poder de uma organização que se fazia forte pelo espírito de coletividade de seus participantes. Lembrando desta forma a solidariedade existentes nos antigos quilombos, pois percebe-se a articulação entre os irmãos que firmam o objetivo de manter a festa viva. Não falamos apenas de uma manifestação de fé nesse momento, mas de como as relações de poder saem de um espaço simbólico e assumem um lugar real, concreto, onde vive-se a partir da fé em um santo, os sentimentos de identificação e pertencimento. Confrontando esse discurso com a narrativa anterior, nosso narrador aponta a preocupação dos católicos em delimitar a religiosidade naquela vila, o que podia e o que não podia ser cultuado, quais os espaços em que poderia haver imagens sacras e quem as poderia festejar. Esses parâmetros, sem dúvidas, aprofundavam a presença de uma imposição das famílias brancas sob a égide de um regime colonial.

Dentre tantos sentidos adquiridos na festa, sobre a festa e para a festa é preciso destacar o pertencimento a uma tradição histórica e cultural e de posse dessa certeza emerge outra: a de que as festa nunca tiveram um período de ausência de conflitos na luta pelo poder, ela apresenta e representa oscilações em torno de si e de seus muitos adeptos e festeiros. Há períodos de forte oposição ao negro, em que estes são perseguidos. Há tempos de Conflitos, mudanças, negociações e memórias que compõem a história da festa de São Benedito.

Neste sentido, foi da necessidade de documentar, através do presente estudo, a importância da irmandade de São Benedito, que se mergulhou atrás de pormenores sobre o período de vigência dessa associação, obtendo-se informações de que fora fundada por negros escravizados, trazidos para trabalhar em uma fazenda chamada Monte Carmelo, atual Vila de Carapajó. Inicialmente, segundo relatos locais, construiu-se uma singela capela de madeira, além disso, o logradouro onde ficava a pequena igreja também foi nomeada como Rua São Benedito, tomando todo aquele espaço para o festejo dos negros, constituindo-se num local de resistência, a esse respeito Salles (2004) afirma que “os festejos de santos pelas irmandades foram fortes formas de resistência”. Vê-se nisso, os traços culturais e a religiosidade formando uma festa que é produto de uma coletividade por reunir desde o início de sua existência todos esses grupos, principalmente a população negra que era a maioria na vila de Carapajó.

Uma característica importante para a conotação da irmandade como uma associação de valorização do negro e de sua participação nas manifestações políticas, artísticas e culturais da vila é o apelo popular dessa organização, formada basicamente pelos moradores mais antigos, com descendia negra, carente economicamente, além de ribeirinhos da circunvizinhança, entre outros.

Para Silveira (2011), essas irmandades tiveram muita importância na organização social do Brasil. Sendo assim, tal questão se aplica também a Irmandade de São Benedito na Vila de

¹ Beiradão é o nome dado ao conjunto de ilhas e vilarejos que compõem o Distrito de Carapajó, sobretudo os lugares próximos ao Rio Carapajó.

Carapajó, visto que representou, e ainda representa, grande importância, nos diferentes setores desta localidade, como por exemplo, no seu desenvolvimento cultural, com músicas, danças, brincadeiras, cordões e entre outros, que se expressam nas memórias dos mais velhos. Cabia a irmandade diversas tarefas como a organização de funerais, compra e venda de terrenos, auxílio de doentes, divulgação da vila para outros lugares e entre outros.

Um mecanismo importante para o fortalecimento da solidariedade foi a instituição de associações como as irmandades. Aspecto inovador na Idade Média, o desenvolvimento delas, segundo Vauches, “expressou a aspiração dos leigos a uma vida religiosa”. Associações de leigos que “tinham em comum a auto gestão e a livre eleição de seus dirigentes”, seguiam o modelo das guildas de mercadores e artesãos, e se agruparam para praticar ajuda mútua e garantir os funerais dos defuntos, expressando a solidariedade entre os membros desde sua admissão (TAVARES, 2007, p. 94).

Tendo a consciência da alta representatividade adquirida pela irmandade, as comunidades cristãs do apostolado românico começam a fazer ataques a essa organização. Como destacado anteriormente, as tentativas de cercear a participação das camadas populares com o intuito de congregar as famílias católicas às atividades inerentes aquelas aclamadas pelos brancos, percebe-se que as irmandades começaram a desaparecer gradativamente, sendo incorporadas à igreja, a qual a partir de então passou a coordenar as atividades que antes eram desenvolvidas por estes grupos em alguns lugares, ocorrendo de forma, que os irmãos aceitaram facilmente ao fim da irmandades já em outros lugares ocorreram de formas diferentes (SOUZA, 2012). Souza se questiona a respeito dos fatores que,

Levaram a substituição das irmandades pelas comunidades ou a transformação daquelas nestas instituições no município de Cameté. Assim como, é preciso perguntar de que forma esse processo se efetivou, e se ele se deu de forma amistosa ou conflituosa. Em alguns lugares este evento ocorreu em um campo antagônico, onde divergiam ideias de aceitação e de resistência, haja vista, uns quererem a comunidade que representava a ampliação de participação popular do povoado na organização da festividade do Santo Padroeiro. No entanto, em outros locais não se via com bons olhos essa situação. Isto ocorreu principalmente, nos lugares cuja irmandade estava concentrada nas mãos de um pequeno grupo, geralmente da mesma família. Em outros lugares, porém o processo ocorreu aparentemente de forma harmônica, sem embates radicais de opiniões (SOUZA, 2012, p.51).

Através dos documentos e dos relatos colhidos sobre a irmandade de São Benedito é possível refletir a respeito da comunidade Eclesial de Base em Carapajó, assim como, o valor desse grupo, tanto no aspecto religioso quanto no aspecto social, pois devido à ausência de registros históricos escritos da referida irmandade perdeu-se parte de uma história, que não era apenas do lugar, trata-se de memórias de escravizados e seus descendentes que lutaram e lutam até os dias de hoje para manter viva essa lembrança da irmandade que é a festividade de São Benedito. A esse respeito, Dona Ontina, 96 anos, nascida na vila diz:

Meu filho, depois de um tempo ficou só o compadre Mâncio, pai da Raimundinha, ele já estava bem idoso, ele foi o último a tomar conta dessa irmandade, ele desmanchou a capela do São Benedito aí a festa passou pra ser aí no lado da igreja, nesse espaço que tem lá, porque estavam fazendo a igreja também, aí a igreja ficou pronta e passou a festa pra lá né. Aí só sei que depois ele morreu e ninguém quis assumir a irmandade, começou a aparecer este negócio de comunidade

que eles foram que continuaram a fazer a festa por que dava muito dinheiro essa festa meu filho (Fala de Dona Ontina, 96 anos, nascida na vila de Carapajó, apud COIMBRA, 2017, p.34).

Por intermédio da memória de Dona Ontina, percebe-se a dicotomia entre o que é lembrado e esquecido, do confronto entre uma religiosidade popular e a tradição católica, submergem assim, histórias que permitem reflexões sobre o momento atual da festa, traduz-se como a dimensão subjetiva do vivido, as teias de significação que transgridem a ordem “natura” da vida daqueles sujeitos.

Portanto, as narrativas orais presentes neste trabalho apresentam elementos que permitem reconhecer a festa de São Benedito e todo um conjunto de tradições compartilhadas, por onde se entrecruzaram cosmovisões e se estabeleceram negociações. A referida festa fundamenta-se no entre lugar de uma tradição que o povo negro tenta tomar para si e por isso resiste, reinventando valores e códigos em meio aos traumas vividos do rompimento dos laços de submissão.

Conforme os relatos orais e os estudos acerca do catolicismo, as irmandades religiosas começam a ter seu declínio a partir da iniciativa da igreja Católica ao apresentarem a proposta de Roma que apresentava a submissão das irmandades para o poder da igreja, ficando conhecido como ultramontanismo (SOUZA, 2012). Conforme afirma Sousa,

Esse foi um período em que as relações entre a igreja católica e as irmandades estiveram abaladas pela implementação, via clero, das novas recomendações erigidas diretamente de Roma, quando o catolicismo popular deveria ser modificado pela nova proposta religiosa católica que propunha a submissão dessas associações ao poder da igreja. As irmandades tiveram seu poder enfraquecido por esse movimento religioso chamado de Ultramontanismo ou Romanização Religiosa (SOUZA, 2012, p. 47).

Observa-se a partir desse ato que a igreja católica limitaria o poder das irmandades e a autonomia destas nos seus locais de administração, pois em muitos lugares estas irmandades desenvolviam importantes papéis administrativos, possuindo grandes faixas de terras, casas, capelas e entre outros bens adquiridos com o passar do tempo (SOUZA, 2012).

Desta forma, nota-se importantes prejuízos à Memória de pessoas, representações sociais, tempo, espaços, significados, valores culturais, sentimentos individuais e coletivos. Essas memórias, individualizadas e/ou coletivas que por um longo período constituem e organizam a história da Vila de Carapajó, que juntamente com suas práticas culturais constroem, ressignificam e fortificam suas identificações sobretudo, na festa.

Lima (2011), ao se referir a memória, menciona que se usa várias formas de análises que direcionam a compreensão da história de nossos antepassados, nesse caso, a trajetória da irmandade de São Benedito. Neste sentido, também utilizamos neste estudo a memória e a oralidade, mediante as entrevistas feitas no decorrer da pesquisa, que elucidaram a presença de sujeitos que relacionam vivências do passado, do presente e introjetam a perspectiva de um futuro amarrado à ancestralidade das práticas culturais existentes na referida vila.

Do final da década de 1960, início da década de 1970, começaram a surgir as Comunidades Cristãs (CCs) ou comunidades Eclesiais de Bases (CEBs), estas aparecem com o intuito de substituir as Irmandades Cristãs. Em muitos lugares estas foram totalmente substituídas, em outros as irmandades ainda resistem até os dias atuais. Muitos aceitaram essas substituições de forma pacífica, sem conflitos, mas em outros lugares houveram alguns conflitos como forma de resistência. Conforme afirma Sousa:

Em alguns lugares este evento ocorreu em um campo antagônico, onde divergiam ideias de aceitação e resistência, haja vista, uns quererem a comunidade representava a ampliação da participação popular do povoado na organização da festividade do Santo Padroeiro. No entanto em outros não se via com bons olhos esta situação. Isto ocorreu principalmente, nos lugares cuja as irmandades estavam concentrada nas mãos de um pequeno grupo, geralmente das mesmas famílias (SOUZA, 2012, p.06).

As reuniões festivas com batuques estiveram na pauta das reivindicações de negros escravizados, e assim continuaram entre seus descendentes. Tornaram-se local fundamental de encontro e fortalecimento das comunidades; tornaram-se patrimônio da vila, e embora tenham sido perseguidas por autoridades e desvalorizadas pela elite, encontraram potencial em suas ações para subverter todo o sistema. Com isso, a festa ganhou novas dimensões políticas e culturais; os movimentos negros encontraram novas formas de luta e afirmação identitária através da valorização de expressões culturais.

O pessoal dizia né que foi através dos negros né que... que eles faziam né... aquele negócio daquelas festa né... assim de samba de cacete, aí foi eles que começaram a surgir, porque o São Benedito ele é descendente de escravo de negro né aí, eles colocaram ele né, o São Benedito como patrono da festa... e tinha aquela romaria tudo com a bandeira, aí foi surgindo desse feito que me contaram, assim dessa maneira (Fala de Dona Raimunda apud VARELA, 2008, P.23).

Quando se fala sobre a festa, seus sujeitos apregoam sentido a todos os rituais ali vivenciados, há enlances e embates de uma memória que se conjuga desde a infância até os dias atuais apontando para a sobrevivência de uma cultura que por diversas vezes foi alvo de silenciamentos. Cada evento no culto ao santo preto, expressos no uso elementos da tradição africana, envolvem os festantes nesse espaço de sociabilidade, no qual constrói-se e fortalece-se uma identidade negra, resistente, que ultrapassam as relações de senhorio tão fortemente aclamadas na Vila de Carapajó. Assim, a festa para os carapajoaras não é entendida como um evento alienante. Suas práticas são tratadas com a seriedade de quem manifesta suas crenças, sua religião, sua devoção e fé. Ser e estar na festa, portanto, possibilita uma notoriedade para o negro que em outros momentos pode ou é dificultada. Para os que assistem a festa passar, não há imunidade suficiente a ponto de fugir a percepção de representatividade e autoafirmação de um grupo. Seu Raimundo Damasceno, afirma:

Eles contavam uma história do São Benedito. Eles estavam numa obra em Belém e quebrou o andaime, aí lá vem todos os quatro, aí ah meu deus, ah meu São Benedito, se pegaram com São benedito e tudo, aí parou o andaime, uma voz veio e falou: Qual é o São Benedito que vocês tão se pegando, aí um falou, É DO CARAPAJÓ. Ah, então vai, desce devagar. E você? Aí falou: Ah, é do Gurupá. Então vai, esse não é do bom. E o teu? O meu é lá dos inocentes, das flores. Então vai que também não é. Morreu dois e ficou só um, só o que era protegido pelo São Benedito do Carapajó (VARELA, 2020, p.87).

Com humor, Senhor Bitoca destaca a impregnação de um valor que vai além do afeto e que liga os festantes a uma imagem sacra de uma maneira muito particular. Para eles, possuir uma festa e um santo, lhes garante um lugar de privilégios até mesmo por ocasião da aquisição de milagres. Desse modo, uma das manifestações culturais mais importantes na Vila de Carapajó, sendo sua presença um fato que representa mudanças para a visibilidade de mulheres e homens negros, a Festa de São Benedito, alcança o sentido de ser a representação da autoafirmação dessa população negra, que através do rito festivo (re) elaboram e (re) significam suas experiências, vivências, história, memória e, sobretudo, formas de resistências.

A festa do santo popularmente conhecido como o segundo padroeiro, a partir da inserção da irmandade passa a ter calendário fixo, sendo celebrada sempre na última semana do mês de outubro, há então a marcação de uma representatividade religiosa com marca na ancestralidade africana e indígena, das quais a Vila ainda guarda inúmeros resquícios.

Considerações Finais

A criação e existência da Irmandade dos pretos de São Benedito de Carapajó, conseguiu por meio de sua conduta de resistência e subversão, empoderar o povo preto e situá-los como donos

de uma prática festiva de grande repercussão político e social.

As narrativas que emergiram nessa escrita trouxeram a dimensão das lutas sociais em torno da cultura local, vislumbrando que a festa, nesse viés, transforma-se em um espaço onde a memória, a fé, a historicidade, as lutas incorporaram-se, metaforicamente, no sangue dos carapajoenses e ultrapassaram as gerações, confirmando que a irmandade conseguira seu objetivo maior: o de produzir uma festa do preto para o preto.

Esses eventos vividos no interior da Amazônia Tocantina, são fundamentais para a visibilidade das populações que construíram histórico e culturalmente essa região. Perceber as dimensões de um festejo diretamente ligado a organização de uma irmandade de pretos, suas dimensões conflituosas e as estratégias orquestradas por esses homens e mulheres permiti-nos viver esse cotidiano e elevar as experiências ancestrais às instituições modernas, favorecendo a desconstrução de uma racionalidade que teima em inferiorizar aos negros e a sua produção cultural e intelectual.

A irmandade, a festa, a Amazônia negra elabora um outro viés da história, a de um povo forte, ativo e vivo, cujas memórias colaboram, geração a geração, para que seu legado se (re) produza e chegue hoje, amanhã e sempre aos que necessitam saber quem foram e são os negros carapajoenses.

Referências

COIMBRA, B. A. S. **História, memória, resistência negra e oralidade: A festividade de São Benedito na Vila de Carapajó**, município de Cametá/Pa. UFPA, 2017.

LIMA, Y. S. S. "MEMÓRIA E NARRATIVA ORAL: duas formas de mediar reflexões sobre práticas de milagres em/de São Benedito, Bragança Pará – Século XX". **Boitatá** – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL ISSN 1980-4504.

SALLES, Vicente. **A escravidão africana e a Amazônia**. In: O negro na formação da sociedade paraense. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SILVEIRA, Jonas Klug da. **Memorial das Irmandades**. Disponível em: <http://turismoemjaguaraors.blogspot.com.br/2011/04/memorial-das-irmandades.html>. Acesso em: mar. 2022.

SOUSA, Arodinei Gaia. **Irmandade leiga na Amazônia: Os irmãos Devotos de São Sebastião de Belo Prazeres – Cametá – Pará (1960-2010)**. Coleção Novo Tempo Cabano. Vol. IX, AGS. Cametá – Pará, 1ª ed. 2012.

TAVARES, M. D. **Irmandades religiosas, devoção e ultramontanismo em Porto Alegre no Bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeiras**- Dissertação de Mestrado-Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de pós-graduação em História, 2007.

VARELA, F. N. P. **Um santo negro no coração dos brancos - Embate e enlace cultural nas narrativas de São Benedito de Carapajó/Pa**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras Língua Portuguesa) - Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá, PA, 2008.

VARELA, F. N. P. **Uma festa de pretos**. Ecos de resistência e poder no culto a São Benedito de Carapajó/Cametá-Pa. Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura Universidade Federal do Pará, Programa de pós-graduação em Educação e Cultura PPGEDUC Cametá, p 148, 2020.

Recebido em 17 de junho de 2020.

Aceito em 16 de agosto de 2022.